

Viagem à Palestina Ocupada

Carla Gisele Batista¹

Nathalia Soares²

Entre janeiro e fevereiro de 2017 participamos de um tour histórico, gastronômico, e político-religioso, já que dentro da região do Oriente Próximo, por nós visitada, as delimitações entre um e outro parecem se fundir, além de que, a religião costuma ser utilizada para legitimar ou justificar decisões que são do campo político e/ou econômico. Através da leitura será possível ver que somos pessoas com perfis bem diferentes. Dois olhares que podem se aproximar, ou não, sobre uma mesma realidade. Por isso, ao invés de escrever a 4 mãos, nos decidimos por intercalar nossas percepções e sentimentos. São o registro único de uma experiência comum. A Nathalia inicia, e a partir daí a formatação do texto identifica qual de nós duas está narrando no momento. Esperamos que gostem da viagem!

Ano passado resolvi que queria fazer 2017 ser um ano completamente diferente. Queria começar de algum modo que mudasse a minha vida, mas não sabia como. Meu trabalho pede muito de mim e, muitas vezes, não consigo sequer ter vida pessoal. As vezes trabalho durante muitas horas e semanas seguidas; isso me deixa tão exausta que não me recordo o que fiz 5 minutos atrás. Quem dirá então lembrar de outros problemas que existem por aí? Queria levar um choque de realidade do qual eu me lembrasse sempre, mesmo com essa vida profissional que me engole. Em meio a esta loucura e umas crises de estresse, decidi que precisava viajar para dar um tempo para a minha mente. Durante essas pesquisas, achei o projeto do tour feminista/vegano/político para a Palestina, da Sandra.

Conheci a Sandra através de contatos do meio vegano de Recife. Sou cozinheira vegana. Fui a trabalho para Recife e isso me levou a conhecer o pessoal da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) de lá. Eles são extremamente próximos à Sandra. Durante as nossas conversas, me falaram muito sobre ela. Fiquei com muita vontade de conhecê-la. Quando vi o projeto, decidi que iria por muitos motivos. O maior deles era justamente este choque de realidade, para me acordar em relação ao que acontece à minha volta.

Sempre senti que muita coisa acontecia ao meu redor e eu não conseguia enxergar pelo cansaço físico e porque tenho bastante privilégios (conceito que eu só consegui entender durante a viagem. Até então eu achava que isso tudo era besteira).

Sai de São Paulo e fiz escala em Roma antes de chegar em Tel-Aviv. No portão de embarque do aeroporto de Roma, me deparei com muitos judeus ortodoxos. Até então eu não sabia o que significava isso. Achei tudo bastante curioso, visto que eu nunca havia tido nenhum tipo de contato com judeus além de ver um ou outro rapidamente na rua.

Já havia sido avisada que a entrada em Israel poderia ser complicada e quais medidas deveria tomar caso houvessem problemas. Sou uma mulher latino-americana com descendência japonesa e um visual bastante alternativo, tinha certeza que seria pega para a entrevista.

A passagem pela imigração foi lenta e demorada. Assim que dei o meu passaporte para a agente, ela viu minha nacionalidade e já me mandou aguardar em uma sala para a entrevista. Eles então sumiram com o meu passaporte por uns 30 minutos. Foi extremamente desconfortável. O único documento que eu tinha sumiu e eu não sabia onde ele estava.

Aguardei uns 20 minutos antes que um policial, homem, me chamasse para a entrevista. Achei estranho o fato de ser um homem. Primeiramente ele perguntou se a conversa poderia ser em inglês e eu disse que sim. Após essa primeira pergunta, ele tentou me intimidar bastante.

¹ Graduada em História, mestra em estudos sobre mulheres, gênero e feminismo. Educadora, pesquisadora e ativista feminista. Vive em Recife, tem 56 anos. Milita na Articulação de Mulheres Brasileiras – AMB.

² Chef vegana, pratica pole dance, tem 25 anos e vive em São Paulo.

Perguntou muitas coisas, desde o meu nome completo até sobre a existência de algum parente meu que vivia no Japão. Também me perguntou a província do meu sobrenome japonês (do qual não faço a mínima ideia). Até agora não entendo o porquê desses questionamentos mas, enfim. Ele então devolveu meu passaporte e liberou o meu visto após eu ter falado quanto dinheiro eu tinha em espécie comigo.

Bom, finalmente eu havia conseguido entrar no país mais militar do mundo! Até o momento, eu não me importava muito com isso e estava encantada com tudo o que estava acontecendo e aliviada de finalmente ter conseguido entrar em Israel. Foram vinte e quatro horas até chegar em Tel Aviv, e eu estava exausta. Fui direto para Jerusalém.

Meu primeiro contato com a Sandra Guimarães foi através de uma companheira de militância no CLADEM/Brasil, que havia feito a viagem à Palestina organizada por ela em 2016. A Sandra é, entre outras coisas, uma militante queer e chef vegana, autora de um blog (papacapim.org) e que periodicamente organiza tours gastronômicos, históricos e políticos. Ela morou um tempo na Palestina, para onde sempre retorna. Participei do quarto tour por ela promovido.

Minha avó materna era síria e meu avô libanês, dois países que pretendo conhecer. Na verdade, a Palestina não estava nos meus planos, apesar do grande interesse político. Mas, quando soube do significativo que fora a viagem, pensei em começar por aí. Até porque, seria uma viagem acompanhada por uma pessoa que conhecia bem a região. A Sandra, que também já morou no Líbano, prometeu me contar mais sobre esse país quando estivéssemos juntas. Uma viagem à Síria neste momento, por razões óbvias, se mostra um pouco mais complicada.

A minha viagem começou antes do encontro com o grupo do tour e se estendeu uma semana mais. Tanto na chegada como nos dias finais fiquei hospedada em Tel Aviv, num hostel muito simpático e agradável em Old Jaffa. Apesar dos avisos de precaução, não tive qualquer problema para entrar no país.

Nos três primeiros dias, antes de me dirigir a Jerusalém, flanei pela cidade. Percorri toda a orla, onde estão localizados os hotéis das famosas cadeias que existem em todo o mundo. Na areia, em uma área mais próxima à ciclovia e à pista para caminhadas, existem sorveterias, bares e restaurantes para todos os gostos, e como compete, a maioria especializada em frutos do mar.

Tel Aviv é uma cidade cosmopolita, afinal, vieram judeus de várias partes do mundo para nela residir. Algumas partes da cidade me lembraram Brasília, menos enquadrada, menos vazia de gente. Me refiro às ruas com edifícios baixos de aproximadamente 4 andares, cercados de muito verde. Diferente da nossa capital, em volta deles haviam mercadinhos, restaurantes, cafés, ciclovias, muita vida pulsando. A cidade é cortada por grandes bulevares. Há porem regiões, de maioria árabe, que se diferenciam. Muitas casas destruídas ou abandonadas, em meio a edifícios modernos. Pertenciam a palestinos que foram expulsos?

Quanto aos passeios, Old Jaffa por si só é um lugar cheio de atrativos que demandam tempo para serem descobertos. Vale a pena também caminhar pelas longas avenidas, como a Ben; desfrutar o Carmel Market; há uma infinidade de museus: da Bíblia, da Diáspora, etc., apesar de que optei por não conhecê-los, alguns por desinteresse ou para estar mais tempo a céu aberto. Hatachana, uma antiga estação de trens, transformada em centro cultural e gastronômico, não pode deixar de ser visitada. Existem vários postos para aluguel de bicicletas, infelizmente quando tentei utilizá-los, as orientações estavam apenas em hebraico, o que dificultou também quando fui pegar os ônibus: os sentidos acabam sendo incompreensíveis e precisamos de informações antecipadas para saber o número da linha que nos será útil. Apesar disso, o fato de o inglês ser a língua corrente facilita muito a comunicação em qualquer lugar.

O país tem explorado a propaganda amistosa para gays e vegans com o intuito de atrair visitantes com esses interesses, para além do turismo religioso historicamente consolidado na região. Para algumas pessoas, trata-se de vegan e gay *washing*, isto é, utilizar este tipo de propaganda para “limpar os crimes de Israel”.

Na van do aeroporto até Jerusalém, descobri que judeus ortodoxos não podem sentar-se ao lado de mulheres. Achei isso bem curioso (como a maioria das coisas que fui aprendendo sobre a cultura judaica).

No caminho, vi muitos militares armados e o que eu achei que eram condomínios (posteriormente descobri que eram colônias) fortemente protegidos. Mais uma vez: eu olhava para tudo com muita curiosidade.

Depois de uma hora dentro da van, cheguei em Jerusalém. Estava muito frio, um tempo horrível e com garoa.

Fiquei em um hostel na Jaffa Street. Após organizar minhas coisas e tomar um banho, fui atrás de comer algo. Rapidamente fui informada que a comida mais tradicional e que eu deveria provar eram os falafels. Já conhecia a receita e eu gosto muito. Estava louca para abocanhar um lanche desses, a fome era grande! Também descobri que a Old City de Jerusalém e o mercado Mahane Yehuda ficavam super próximos ao hostel.

Entre na primeira loja de street food que vi e comprei um lanche de falafel por quinze shekels, a moeda local. Estava delicioso! Era muito diferente do que eu conhecia: o falafel era pequenino, recém frito e muito bem temperado. Não me recordo do que pedi para colocar no lanche além do hummus (pasta de grão de bico com tahine).

*O hummus era **totalmente** diferente de qualquer um que eu já havia provado. Esse era mais leve, com um sabor delicado. Até confundi com maionese e me assustei por achar que tinha ovo no lanche. Mas descobri que é apenas o modo de preparo que é diferente do que eu havia aprendido. Desde esse dia, não falta mais este prato na geladeira em casa.*

Logo em seguida fui para o Mahane Yehuda. Como cozinheira, um dos primeiros lugares que me atraem em qualquer parte do mundo é o mercado municipal das cidades. Esses locais sempre contam muito da história de onde estão localizados. Foi uma experiência incrível de sabores, cores, cheiros e risadas das baboseiras que os lojistas falavam para tentar conseguir vendas.

O tempo só piorava, a garoa aumentou e resolvi voltar pro hostel para descansar. No outro dia eu tinha a missão de encontrar a Sandra e as meninas para começar o tour.

Acordei e organizei as coisas para dar continuidade à viagem. Me perdi um pouco, mas consegui encontrar as meninas.

O encontro do nosso grupo foi no café do Jerusalém Hotel. Daí seguimos para o local do qual saem os ônibus para Betlehem (Belém). A rodoviária palestina fica situada em uma parte árabe, quase em frente à Porta de Damasco, uma das que dão entrada para a magnífica cidade antiga. Enquanto esperava o horário do nosso encontro fiquei caminhando por ali e pude ver como os soldados judeus abordam os jovens palestinos. O que presenciei me remeteu às abordagens feitas por policiais brasileiros aos jovens negros. A polícia se orienta por um estereótipo, uma cor de pele, uma forma de se vestir... Se a pessoa tem horário marcado, está indo para o trabalho, não importa. Está sujeita a ser interceptada a qualquer momento, sem qualquer motivo justificável. O simples fato de ser quem ela é já possibilita a interdição. O mesmo presenciamos várias vezes ao passarmos pelos checkpoints: qualquer uma das pessoas pode ser retida, assim, sem justificativa plausível.

Expliquei para a Sandra, assim que consegui, que eu não entendia nada do que ocorria entre Palestina e Israel. Que ela precisaria ter um pouco de paciência comigo e que eu provavelmente faria ou falaria coisas sem muito sentido.

Pegamos um ônibus para Belém e paramos no checkpoint 300. Os Palestinos precisam passar pelos checkpoints para poder entrar em Jerusalém ou se locomover dentro da própria Palestina. Basicamente, é como entrar em um aeroporto: você é revistado e olham seus documentos. Porém,

os palestinos podem simplesmente serem barrados ali mesmo, caso a pessoa que está dentro cabine assim o queira. Sem maiores motivos.

Foi uma experiência bastante esquisita, parecia que entramos em um abatedouro.

Chegamos em Belém e um taxista amigo de Sandra já nos aguardava para levar as malas para o Campo de Aida. Fomos andando até o campo. Durante o caminho, a Sandra foi explicando algumas coisas e falando como eram as coisas antes do muro.

Assim que cheguei no campo de Aida, a realidade começou a bater na minha cara. Lembrei da frase que uma pessoa bem querida me disse quando comentei sobre o meu objetivo com a viagem: “às vezes a gente precisa ir longe para conseguir ver algumas realidades”. O que vi lá me lembrou muito das favelas do Brasil.

O Campo de Aida era, antigamente, um acampamento. Porém, as pessoas começaram a perceber que a situação não mudaria tão rapidamente e elas não poderiam voltar para casa. Com a ajuda da ONU, começaram a construir novas casas para morarem.

Inicialmente eu senti que não ia aguentar o que estava vivenciando naquela viagem. Não havia nem vinte e quatro horas que eu estava na Palestina e eu já estava triste e abalada com o que estava vendo.

Chegamos na casa da Islam. Na cultura árabe, os pais providenciam casa para os filhos homens. Assim que eles se casam, é para lá que o filho e a esposa se mudam. Culturalmente falando, achei interessante e muito intrigante este costume.

Como Islam ainda tinha um filho homem que não era casado, ela aluga a casa no estilo Airbnb para quem queira ter a experiência de viver a receptividade Palestina.

A casa era bem confortável, toda equipada. Era apenas muito fria devido à falta de isolamento térmico. Achei um pouco sofrido isso, mas foram apenas onze dias. E os palestinos, que vivem isso a vida inteira?

Neste dia houve uma oficina culinária com Islam, ela tem um projeto muito legal que ajuda mães que tem filhos com alguma necessidade especial. As oficinas de culinária são um dos modos que ela encontrou para continuar a ter verba para o projeto das crianças. Na oficina, ela nos ensinou a fazer maklube; fazendo uma comparação um pouco boba, podemos chamar de “paella” árabe.

Pelo o que nos explicaram, maklube significa “de ponta cabeça”. O prato é composto de arroz com especiarias e legumes fritos montados em camadas. Na hora de servir, a panela é virada de ponta cabeça em algum recipiente para desenformar o arroz.

Por isso o nome maklube. Não sei se era a fome, mas estava delicioso. A receptividade de Islam e sua família também foi algo muito gostoso de vivenciar. Todos nos trataram muito bem e nos serviram os famosos chás (muitos deles, sempre).

Aquelas pessoas são boas. Isso me fez pensar um bocado na ideia que é disseminada de que “árabes são todos terroristas”. Nunca havia concordado com isso, mas também nunca havia parado para pensar no peso que essa frase tem em relação à visão e preconceito que existe com os árabes como um geral.

Não me recordo se fizemos mais alguma coisa naquele dia. Lembro-me apenas que a noite era realmente muito fria, e minha lombar travou por conta da tensão muscular. Fiquei com receio de não conseguir andar no dia seguinte e perder o dia.

Belém fica ao lado de Jerusalém, assim como de Ramalah e de outros municípios. As distancias e o tempo gasto entre as cidades aumentaram segundo nos contaram e nos foi possível certificar, quando dos lugares mais altos nos apontaram: ali está Jerusalém, ali Ramalah, acolá... tudo era muito próximo antes que muros, cercas e checkpoints fossem construídos para limitar a circulação. Os caminhos foram fechados de forma permanente ou se tornaram subitamente restritos a passagem de palestinos. As estradas para a circulação de colonos estão sempre abertas e são de muito boa qualidade.

Em Belém nos instalamos em uma casa no Campo de Refugiados de Aida. O campo se assemelha a uma favela brasileira. Antigos acampamentos foram substituídos por casas de alvenaria que crescem verticalmente à medida que as famílias aumentam. Nós nos hospedamos em uma casa que abrigaria um novo casal. Ela tinha dois andares, quartos com algumas camas, uma cozinha com todos os utensílios, wi fi e aquecedores, dois banheiros espaçosos e uma pequena sala, na qual sempre tomávamos chá antes do descanso dos dias intensos de exploração. Casas como essas geralmente têm um terraço onde se pode tomar um pouco de sol no inverno e ter uma vista do horizonte. Nessas lajes se acumulam tapetes, sofás velhos, móveis usados... E também as caixas d'água, visto que aos palestinos não está garantido saneamento ou a distribuição regular de água, serviços restritos à população israelita. No mesmo lugar estavam instaladas as placas de energia solar que são utilizadas para esquentar a água. O recolhimento de lixo também é feito de forma irregular, o que explica o excesso de lixo espalhado pelas cidades palestinas.

No nosso passeio de apresentação ao Campo, visitamos uma produção familiar de falafel, onde comi os mais deliciosos de toda a viagem. Eles tinham uma cor esverdeada por causa dos temperos, eram extremamente crocantes por fora e aerados por dentro. Saborosíssimos, quentinhos! Foi uma primeira impressão tão deliciosa, que passei o restante da viagem buscando encontrar os mesmos falafels sempre que parávamos para um intervalo de restabelecimento. E, para hidratar, me encantavam os sucos de romãs com laranja, não só pelo sabor, pela energia, mas, também pela beleza da cor!

Os principais pontos do passeio eram marcados pela violência e destruição. Um comovente painel no qual as famílias pintaram as lembranças das suas antigas aldeias. E o muro, onipresente.

O primeiro jantar foi na casa da família de Islam, precedido de uma aula de culinária onde aprendemos a preparar maqlube. Um arroz que, antes de ser cozido de forma intercalada com legumes, fica um tempo de molho em temperos. Islam, sempre sorridente, é uma ativista da defesa dos direitos das mulheres e lidera um projeto de empoderamento de refugiadas chamado "Noor Women Empowerment Group". Ela também criou com outras companheiras uma escola para crianças portadoras de necessidades especiais. Ela mesma, mãe de um rapaz nessa condição. Soubemos que isso é muito comum nas famílias palestinas em função do mau atendimento obstétrico, ou por causa das distancias entre as moradias destas mulheres e os hospitais, os checkpoints entre eles, o estresse do cotidiano... Além da escola, elas possuem também uma cozinha na qual elaboram e/ou ensinam o preparo de pratos árabes. Fomos algumas vezes beneficiárias dessas aulas. Ao chegarmos em casa à noite éramos convidadas a experimentar os pratos preparados naquele dia. Elas publicaram, inclusive, um livro com algumas destas receitas e costumam aparecer em programas gastronômicos, como por exemplo, o que Anthony Bourdain realizou sobre a Palestina.

O primeiro jantar foi feito para nossas boas vindas. Experimentamos um prato típico e o acolhimento de uma família palestina. A casa da Islam foi o único lugar em que vi as refeições serem feitas com todas as pessoas juntas, compartilhando a mesa e tarefas, conversando animadamente. Nas outras famílias que visitamos, com as quais partilhamos refeições, as mulheres serviam a mesa e ficavam sentadas apenas olhando pra nós e seus companheiros enquanto nos deliciávamos com as maravilhas que elas haviam preparado. A Sandra nos contou que o projeto das mulheres na comunidade costuma sofrer pressão dos homens, que querem dele se beneficiar.

Acordei ainda com bastante dor, mas mesmo assim insisti e fui. Por sorte, o sol que estava fazendo de manhã relaxou minha musculatura enquanto Bahá, do projeto "To Be There" nos explicava toda a situação da ocupação no Café Singer, em Beit-Sahour.

Foi uma quantidade gigantesca de informações, confesso que não me lembro de muita coisa. Foi difícil de processar. A conversa foi quase toda em inglês, e era cada vez mais complicado de ir entendendo por ter sido muita informação.

Tentei compreender um pouco do que ocorria ali antes de viajar, mas todos os documentários/filmes que tentei pesquisar eram extremamente tendenciosos para algum dos lados e eu não queria formar uma opinião antes de ver de perto.

Se teve uma coisa que eu adorei, foi o fato de eles beberem uma quantidade gigantesca de café com cardamomo. Eu amo café! E a adição do cardamomo foi uma surpresa bastante agradável. Todos os locais sempre tinham café (ou chá). Enquanto Bahá ia nos explicando os mapas, bebemos o café e comemos pão pita, hummus e azeitonas maravilhosas, completamente diferentes de qualquer outra que eu havia provado antes. O azeite também é bem diferente. O sabor lembra coisas verdes, frutadas e frescas.

Fomos ver de perto algumas das coisas que Bahá nos explicou. Ele nos mostrou as colônias, as estradas separadas onde somente os colonos podem passar, algumas casas que foram demolidas... Ele também nos explicou que é bem fácil diferenciar casas palestinas de colônias. Nas casas palestinas, sempre há caixas d'água grandes e pretas para estocagem. Como o controle de água fica com Israel, eles podem simplesmente fechar o registro por dias. Simples assim. Pelos relatos, é bem comum isso acontecer durante o verão. Lembre-se de uma coisa: é uma região semiárida.

Enquanto devoramos mais um lanche de falafel, Bahá disse uma frase que ouvi muitas vezes durante a viagem: "nós não queremos doações, dinheiro ou esmolas. Queremos que alguém possa contar nossa história para, quem sabe, talvez conseguir ajuda. Ninguém sabe o que se passa aqui. Realmente não queremos o seu dinheiro. Por favor, repassem o que estou contando para vocês". Não foram exatamente essas as palavras, mas a ideia era essa.

Ficamos com Bahá quase o dia todo. Se não me engano, foi nesse dia também que fomos para Belém, na rua da estrela ver e conhecer um projeto da Anne.

Anne é fotógrafa e faz trabalhos na Palestina há alguns anos. Ela nos mostrou um documentário bem interessante que fez com as pessoas de Gaza que perderam três ou mais familiares nos bombardeios. É um projeto muito pesado e tocante.

Conversamos um pouco com Anne e fiquei curiosa sobre os bombardeios. Perguntei se ela havia presenciado um e ela me disse que sim.

Uma das coisas que eu mais me lembro é de Anne falando sobre a água em Gaza: "a água é cinza e não nos recomendam o consumo. Nem mesmo para tomar banho. Uma vez fiz o teste e fiquei inteira me coçando. E essa é a água que eles bebem todos os dias".

Esse foi um dia em que retornei para Aida com a mente bastante chocada e sem saber muito o que pensar/sentir. Se não me engano, esta foi a noite em que duzentos soldados entraram no campo e sequestraram alguns meninos. Ficamos sabendo no outro dia, quando a Sandra chegou. Nenhuma de nós ouviu qualquer barulho.

*No segundo dia nos dirigimos ao Café Singer, em Beit Sahour, que é uma das cidades emendadas à cidade de Belém. O Singer é decorado com máquinas de costura Singer, algo bem familiar da minha infância. Nos encontramos com um militante da causa palestina, que também organiza anualmente uma viagem para a colheita de azeitonas e fabricação de azeite, um passeio que nos deixou bastante tentadas a uma outra viagem. Enquanto tomamos o nosso desjejum no terraço, Ba Ha nos deu uma aula sobre a forma como se organizou, desde o século passado, a ocupação da Palestina com o objetivo de instituir o Estado de Israel e desidratar - era essa a palavra que sempre me vinha à cabeça - qualquer possibilidade de sobrevivência de palestinos naquela região. Uma importante referência para esta reconstituição foi a obra *A limpeza étnica da Palestina*, do pesquisador israelense Ilan Pappé, que a Sandra havia nos indicado como leitura prévia à viagem. Pappé, um pesquisador que não pode mais viver em Israel depois da publicação dos seus estudos, teve acesso a vários arquivos, inclusive ao diário de Ben Gurion, o que lhe permitiu reconstituir a história da ocupação de forma pouco conveniente a Israel.*

Com Ba Ha fizemos um primeiro passeio de reconhecimento da região, para observar as colônias israelenses que normalmente pairam nas partes mais altas do território. Não somente para serem

vistas, mas também porque é nelas que costumam ser instalados postos e equipamentos de observação de tudo o que acontece no seu entorno. Muitas das colônias me pareceram desabitadas, não sei se tal informação confere. Mas, pensei que tais colônias devem ser construídas inicialmente como forma de demarcar território, de pressionar pela simples existência física. A sua povoação pode aguardar o momento propício. Vislumbramos os muros e cercas que, a princípio, poderíamos dizer que se espalham aleatoriamente, não fosse pela determinação de reforçar o confinamento palestino. Visitamos terras confiscadas arbitrariamente, propriedades arrasadas, enquanto tomávamos conhecimento das diversas formas de expulsão que são utilizadas. A paisagem é a de um país atingido pela guerra, ao mesmo tempo em que há obras de (re)construção e máquinas, por toda parte. Às vezes me vinha à cabeça a imagem de homens sentados em volta de uma mesa sobre a qual estava um mapa, conversando sobre como desenvolver um grande projeto imobiliário.

Impossível não nos remetermos ao processo de colonização das Américas, quando sobre as ruínas das construções indígenas foram erigidas outras que impunham, através da pedra, de forma concreta, uma nova cultura: a do dominador. Me fez pensar sobre como este é um passo importante para a eliminação da história de um povo. Destruir o que é sólido como um primeiro passo para apagar o que é imaterial, afinal, tudo que é sólido se desmancha no ar. E, como parte da estratégia, a utilização do discurso que dá a base para transformar a grilagem de terras na instituição de heróis nacionais, daqueles que dão nome a avenidas e aeroportos, mesmo porque, foram sim grandes estrategistas.

Pode ser radical, mas, uma visita à Cisjordânia vale a constatação de como, para Israel, só será possível a existência de uma nação através do extermínio dos árabes da região. Não só do povo, mas de tudo que remeta a ele e ao seu passado.

À noite, enquanto nos aquecíamos com uma sopa de lentilhas, conversamos com Anne Paq, fotógrafa francesa especializada em Direitos Humanos que atua há mais de doze anos na Palestina, sobre a sua experiência em Gaza. Ela nos contou sobre a atual situação da região, sobre o bloqueio, e as iniciativas de resistência. Assistimos ao documentário sobre o último bombardeio em 2014, produzido por ela "Obliterated Families" (<https://obliteratedfamilies.com/en/>). Anne estava aguardando a autorização para nova ida à Faixa de Gaza, a primeira após aquela em que realizou o documentário. Ela queria reencontrar pessoas, comparar o vivido com a situação atual.

Anne e Sandra são companheiras. À nossa curiosidade sobre como palestinos lidavam com a homossexualidade, ouvimos que entre os homens ela nem sempre é vista como tal. Mesmo que eles se relacionem entre si, isso costuma ser visto como parte da sua aprendizagem sexual, ainda que tais práticas sejam silenciadas. Publicamente, os homens andam abraçados e de mãos dadas entre si, o mesmo não acontece com eles e as suas companheiras. Os casamentos são decididos pelos pais, ainda que a juventude tenha as suas estratégias para que a decisão recaia sobre alguém da sua própria escolha. No caso das duas, sempre se hospedam juntas e dormem numa mesma cama de casal, as pessoas mais próximas sabem disso, mas nada dizem. São muito respeitadas e queridas, sempre recebidas com alegria e afeto.

Primeira visita do tour a Jerusalém

Fomos para Jerusalém conhecer Sahá, uma ativista israelense que luta pelos direitos dos Palestinos. Sahá nos explicou como que Israel prepara as pessoas para criar uma sociedade super militarizada sem que isso seja estranho.

Não estou acostumada a ver pessoas com rifles andando por aí. Em Israel isso é bem comum. Você pode entrar numa loja para comer algo e do seu lado senta uma pessoa com um rifle na cintura. Desde a infância, as crianças são expostas a termos ou imagens militares/nacionalistas. Também há muitas palestras ministradas por militares durante o período escolar, sobre armas e etc. Entendo porque para eles isso parece algo comum.

Outro ponto importante é que: em Israel é obrigatório servir o exército, inclusive para mulheres. Sahá se recusou a servir e foi punida por isso. Foi convidada novamente e ela se recusou. Esse processo aconteceu algumas vezes até que Sahá ficou cansada e alegou ter problemas mentais (esse é um dos poucos casos que livra um indivíduo da obrigatoriedade em servir). Ela trabalha com isso hoje em dia: ajudando os israelenses que não querem fazer serviço militar. Mas isto tem consequências: se não me engano, quem não serve, não tem acesso a bons empregos. Não me recordo se é isso, mas há uma punição.

Um dos pontos curiosos deste dia foi saber que: ao contrario de Sahá, seu irmão serve o exército israelense e acredita no que faz. Na visão dele, ele está protegendo o seu povo. Deve ser bastante intenso conviver com essa situação.

Nesse dia provamos comida etíope, algo que eu jamais havia visto e muito menos comido. Não me recordo o nome do pão fermentado que eles fazem em formato de panqueca gigante. Em cima do pão, eles colocam algumas conservas e legumes condimentados para comer tudo junto. Uma experiência interessante!

O terceiro dia começou com uma visita à cidade antiga de Jerusalém, quando subimos no terraço do Austrian Hospice, situado na Via Dolorosa, para ter uma vista da cidade. O dia estava reservado para o encontro com a ativista israelense Sahar.

Educação e militarização:

Sahar atua na America Friends Service Committee. Estivemos nesta organização para conhecer um pouco mais sobre o processo de militarização da sociedade israelense e as alternativas a esse processo, como por exemplo, formas variadas de resistência, atividades às quais se dedicam. Ficamos sabendo então, como o Estado instrumentaliza a gestão social do medo e da criação de inimigos no processo educativo.

Existe um programa governamental que leva jovens estudantes, antes de terem que prestar o serviço militar, à Alemanha, para conhecerem campos de concentração onde os judeus foram mortos durante o Holocausto. Isso também contribui para o sentimento de que fazem parte de um povo que está sempre à mercê de ser atacado e eliminado, que precisa estar permanentemente alerta e pronto a se defender do inimigo, que neste momento se faz presente de maneira mais próxima na existência Palestina. Os árabes precisam, portanto, serem permanentemente vigiados e, se possível, expulsos ou destruídos, assim como o perigo que eles representam. A sobrevivência de uns é colocada sempre como a impossibilidade da existência dos outros.

Ela nos contou que os Ministérios da Defesa e da Educação trabalham juntos nos currículos escolares. Isso garante que nas escolas, atividades para leitura ou problemas de matemática utilizem imagens e informações militares. Isso mesmo! Vimos um exemplo disso em materiais escolares, com um problema de matemática que dizia “*se para tantos soldados temos tantas armas, quantas faltam?*”.

Quanto à carreira militar, a maioria dos soldados são brancos. Trabalhar nos checkpoints –o que é considerado um trabalho ruim, de menor valor– geralmente é relegado aos negros (pequena população de judeus árabes, etíopes, africanos em geral) ou brancos russos. Sim, Israel recebeu cerca de um milhão de imigrantes da antiga União Soviética. Os judeus ortodoxos estão dispensados. Palestinos não fazem o serviço militar, só se quiserem. Assim como os beduínos, que também só podem ser voluntários.

No que se refere às mulheres israelenses, elas também são obrigadas ao serviço militar, no entanto, são sempre destinadas às atividades consideradas menores; 95% dos generais são homens, já que mulheres “não têm com o que contribuir com a sociedade”. O generalato geralmente aproxima os homens da vida pública. Os generais normalmente se aposentam mais cedo, seguem carreira política, coordenam escolas ou atuam nos esquemas de segurança privada, o que significa que os homens fazem carreiras que são melhores remuneradas. O

assédio/abuso é costumeiro na vida das militares. O exército, como costuma ser, perpetua as distinções de sexo, classe e raça existentes na sociedade.

A organização visitada atua oferecendo apoio e orientação às pessoas que optam por não integrar o exército. Um dos únicos motivos para dispensa é a existência de problemas de saúde mental. As pessoas que recusam o serviço militar sofrem prisões temporárias como forma de convencimento e não servir pode significar também alguma restrição à oferta de empregos. Mas, o fato de que atualmente cerca de 35% da população se nega a servir, tem cobrado uma readaptação do mercado de trabalho.

É bom lembrar que a guerra é importante para a economia, e a militarização é basilar para a economia Israelense. Israel é o quarto país do mundo no que diz respeito a gastos com armas: 6,5 a 7% do seu PIB é destinado à produção de armamentos, enquanto a média mundial é de 2%. O país está entre os maiores exportadores de armas do mundo e é também o maior exportador de drones. Se nos perguntamos como um país pouco industrializado consegue ter uma tão grande produção, a resposta é que: primeiramente, os produtos dessa indústria costumam ser antecipadamente testados e aprovados e os produtores utilizam a Faixa de Gaza e o West Bank como campos de experimentos. Depois, deve-se levar em consideração o fato de serem grande exportadores de tecnologia, de ideologia para controle de população civil e para o combate de populações desarmadas e, por fim, possuem um poderoso esquema de marketing: expõem em feiras mundiais, produzem vídeos que se transformam em um eficiente argumento de venda, etc. Uma razão do sucesso desta indústria é que não possui nenhum critério ou limite para vendas: vendem para qualquer país, até mesmo aqueles que possam estar desrespeitando os Direitos Humanos.

O comércio de armas internamente também é grande. Apesar de não ser complicado obter uma licença para o porte de armas, existem registros de que os primeiros possuidores de armas de pequeno porte, ilegais, são os colonos judeus e os segundos são os palestinos. À pergunta sobre o porque da permissividade, obtivemos a seguinte resposta: “porque acreditam que as vítimas finais serão os palestinos, através das brigas, desavenças familiares, crimes de honra...”.

A contradição é que, como turistas brasileiras, nos sentimos sempre muito seguras para estar em todos os lugares. À exceção de um episódio em que alguns jovens que estavam passeando de carro à noite disseram alto “sharmuta” ao ver o nosso grupo de quatro mulheres sozinhas na rua, nunca fomos abordadas ou nos sentimos inseguras em meio à população não militarizada. Sempre que saíamos de casa deixávamos a porta destrancada durante todo o dia e nunca encontramos qualquer coisa fora do lugar. Mas, a presença militar constante é sim, o mais amedrontador. Saí um dia para passear em Aida no final da tarde. No meio do passeio me deparei com um grupo de militares entrando no Campo, abaixados, olhando de um lado para o outro, apontando para um lado e para o outro, como se estivessem numa zona de guerra. Desisti do passeio, claro.

Durante o período em que estivemos em Aida as visitas militares foram frequentes. Pela manhã sempre ouvíamos os comentários de que haviam levado pessoas próximas a outros presos: familiares, amigos, qualquer um que pudesse ter compartilhado de ideias contrárias à ocupação. As cidades têm muitas de suas paredes cobertas de fotos de jovens que foram presos ou assassinados, como forma de avivar permanentemente a necessidade da luta por Justiça.

“Árabe bom é árabe morto!” (anedota judaica)

Não há correlação numérica entre os assassinatos de palestinos, com grande número de vitimados, e o de israelenses. Mas, qualquer atitude violenta por parte dos primeiros é utilizada para fortalecer a narrativa da necessidade de se defender contra o terrorismo árabe. As relações estão, desta forma, sempre tensionadas e a violência, não raramente, chega a casos extremos. Numa série de reportagens sobre a Palestina feita por [Ponte Jornalismo](#) podemos assistir à gravação de um conflito ocorrido em Hebron, em março de 2016:

“Al-Sharif e outro jovem, Ramzi al-Qasrawi, haviam esfaqueado um soldado e foram baleados al-Qasrawi acabou morto e al-Sharif permaneceu deitado no chão, ferido. Um voluntário da organização israelense de direitos humanos B'tselem filmou o momento em que Azaria se aproxima do palestino e atira em sua cabeça. A cena é chocante, pois o suspeito estava imobilizado e não oferecia mais ameaça às vidas dos soldados”.

Se nos dias atuais não existe mais uma resistência palestina armada, já que ela foi desmobilizada pela OLP, matar palestinos não é considerado um crime ou não costuma significar punição, visto que membros do exército são julgados por seus pares. No caso acima o soldado Azaria acabou sendo condenado a 18 meses de prisão pelo homicídio culposo de Al-Sharif. A pena dá uma dimensão do valor da vida palestina nestes julgamentos.

Se refletirmos sobre a história dos seres humanos, identificamos períodos em que aconteceram significativos extermínios populacionais: o genocídio dos povos indígenas nas colônias, a escravidão, o apartheid, o holocausto judeu, a violência policial/militar contra populações civis, entre outros. Nos iludimos ao pensar que ao ter passado, como vítima, por uma dessas experiências, um povo jamais irá repeti-la na posição de algoz.

À noite, assistimos em casa a um outro filme produzido pela Anne Paq: [Checkpoint 4 AM](#). Um dos seus projetos nos dias em que estávamos lá, era voltar ao mesmo checkpoint, no mesmo horário, para registrar mudanças ou permanências nas barreiras colocadas à liberdade de ir e vir para palestinos. Soubemos depois que nada de diferente foi observado.

Universidade

No outro dia, fomos conhecer a universidade. Pudemos conhecer um pouco sobre como é o local, o primeiro restaurante vegano da Palestina (Sudfeh), tomar café da manhã (pães, hummus e mais alguns pratos) e bater um papo com os alunos.

Considereei um pouco de sorte que, um dos alunos que estavam ali era um brasileiro que se mudou para a Palestina por conta da família. Foi mais fácil de conseguir entender a situação com ele contando detalhadamente em português. Também foi bastante intrigante pensar no choque cultural que foi para ele a mudança de viver no Brasil, que é um país onde as relações são (teoricamente) um pouco mais livres, para a cultura árabe que tem fortes traços machistas. Sofri muito para conseguir entender o inglês com o forte sotaque árabe de algumas pessoas que conhecemos. Por isso essa conversa em português foi essencial.

À noite, fomos conhecer um restaurante de permacultura orgânica sensacional. Estava começando a anoitecer e a vista era bem bíblica pra mim: morros com oliveiras e algumas amendoeiras. A comida do Hosh Jasmin era muito gostosa, comi o melhor babaganoush da minha vida! Também havia um cozido de mini quiabos com mais alguns legumes que eram ótimos!

Da rodoviária seguimos de van (lotação) até a cidade próxima de Abu Dis, onde tomamos café no primeiro restaurante vegano da Palestina, que fica dentro da Al Quds University. O restaurante recebe voluntários/as e a Sandra, ao final do tour, iria trabalhar ali alguns dias refazendo o cardápio. Em seguida, no departamento de Inglês, nos reunimos com alguns/mas estudantes, professores e o coordenador, que nos deu as boas vindas. Na conversa com os/as estudantes, soubemos que eram todos/as de outras cidades e estavam expostos aos checkpoints para chegar à Universidade. Quando os mesmos são fechados, têm dificuldade em retornar para casa.

As famílias dos estudantes se orgulham do fato de eles estarem fazendo um curso superior, mas, de forma geral, não têm perspectiva de que isso se reverta em emprego no futuro, já que o mercado de trabalho para palestinos é muito restrito. Os diplomas, considerados de alto nível, são reconhecidos em outros países, mas não em Israel, onde são exigidos mais dois anos de complementação universitária. Tal prática é vista como estratégia para dificultar o exercício da profissão.

As mulheres geralmente escolhem universidades situadas perto de suas casas, porque a distância

pode ser um impedimento para que as famílias aceitem seus estudos. As que vivem em vilarejos, nos quais ainda predomina a cultura de que mulheres devem apenas ser esposas, têm mais dificuldade em seguir um curso superior. E, além do mais, as Universidades são pagas, porque não têm apoio do Estado. Por convicção política, não se aceita financiamento que exija qualquer atividade conjunta com Israel, e, ainda que a Autoridade Palestina faça algum tipo de repasse de recursos, é necessária uma mensalidade, que é alta. O que significa uma seleção das classes sociais que conseguem chegar à formação superior.

Militares israelenses costumam “visitar” a Universidade, principalmente no início de semestre. Procuram amedrontar os calouros para que desistam dos estudos. Cooptam professores e alunos para que espionem aquelas pessoas que são mais radicais nos seus questionamentos à ocupação. Há uma forte ação no sentido de desmobilizar o debate e posicionamentos críticos, o que contribui para que estudantes fiquem mais preocupados com a própria sobrevivência. Perguntados sobre o futuro exercício da profissão, ficaram muito reticentes, tímidos. Uma Jovem, que me aparentou ter pensando muito e criado coragem para falar, disse estar formando, com colegas, um grupo para oferecer tours em Jerusalém, nos quais contariam a verdadeira história da Palestina.

Visitamos o Museu dos Prisioneiros Palestinos, que fica dentro da Universidade e é por ela administrado. Palestinos ficam encarcerados separadamente de judeus. Mas as mulheres, até recentemente, ficavam juntas, fossem elas presas políticas ou presas comuns. No deserto de Negev está situada a prisão mais isolada, destinada a quem tem penas mais longas. Nem à Cruz Vermelha é permitida a entrada. O estudo é permitido para os que estão em penas mais longas, mas não para quem está em centros de detenção. Alguns encarcerados chegam a fazer mestrado. Presos políticos utilizam a greve de fome e formas de desobediência civil como resistência. O museu tem registro do que foi significativo neste sentido.

Ao entardecer fomos jantar em Beit Jala, em um restaurante rural que pratica permacultura chamado Hosh Yasmin. Apesar do frio, foi uma experiência ímpar, inesquecível. Pelo lugar, pela comida, por tudo que estávamos vivendo. Era o tempo de deixar as coisas assentarem na cabeça e no coração. Eu até quis tomar um vinho que era produzido pelo dono do restaurante, mas, desisti por falta de adesão. Sabíamos de antemão que entre muçulmanos as bebidas alcólicas não estão tão presentes no cotidiano como para nós, ocidentais. Chegamos a comentar o que seria de toda aquela tensão acumulada, se inflamada pelo álcool. O meu interesse pelo vinho se diluiu na beleza da paisagem daquele final de dia.

A esta altura da viagem o desejo de conhecer a experiência socialista dos kibutzim não persistiu às informações de que agora são organizações privatizadas, funcionando como pequenas empresas e que foram as primeiras formas de ocupação do território palestino. Como observou o escritor francês Christian Salmon, quando em 2002 o Parlamento Internacional dos Escritores visitou os territórios ocupados: *“Em algumas décadas, os israelenses passaram da utopia dos kibutzim à utopia das colônias. Eles queriam transformar o deserto em jardim, dizia-se nos anos 60, quando o projeto dos kibutzim seduzia ainda, e transformaram o jardim bíblico em deserto, um terreno vago e até mesmo um campo de batalha”* (SALMON, 2004, p.111).

A cidade fantasma

Já havia uma semana que estava vivenciando a vida dos Palestinos e, era muito estranha a sensação de estar sempre sendo vigiada. Tive outra sensação assim que cheguei em Paris: não havia hostilidade. Eu não me sentia vigiada. Me sentia livre. Nessa hora eu compreendi o que é privilégio. E que um dos melhores privilégios que existem é o direito e ir e vir quando se bem entende.

Mal sabia eu o que nos esperava naquele dia: Hebron. A Sandra sempre falou que deveríamos nos preparar para Hebron porque era uma “cidade fantasma” e que era um dia bem pesado. Todas

as cidades fantasmas que visitei eram ruínas. Eu estava imaginando que seria a mesma coisa. A ocupação é tão intensa nesse local que...

O melhor modo de traduzir o que vi/senti é realmente: cidade fantasma.

Depois de passar pelo primeiro checkpoint, no qual enfrentamos grande hostilidade com detector de metais (passamos em 4 neste dia), tudo começou até de forma tranquila em um local que parecia ruínas, enquanto colhíamos algumas azeitonas maduras no chão abaixo de oliveiras centenárias. Depois disso o clima foi realmente ficando tenso.

Me senti muito estranha, não sei explicar escrevendo ou falando. Só indo até lá para entender. O clima lá não é nem um pouco amigável.

A medina (assim que eles costumam chamar as partes mais antigas das cidades), normalmente é o coração, onde tudo acontece! Quem já foi em uma medina sabe do que estou falando! Comparando com algo que é possível visualizar: é como a vinte e cinco de março em São Paulo. Mas em Hebron as portas estavam todas fechadas, não havia vida ou pessoas andando por ali. Restaram poucas lojas abertas.

Como há muitas casas de colonos em volta, foi necessário colocar uma grade ou proteção na parte de cima para que as pedras/lixos parassem de acertar as pessoas. Agora eles jogam urina, água suja, água sanitária, etc.

Conhecer Hebron foi uma experiência absurdamente intensa. É muito complicado colocar em palavras. Acho que a frase que mais me marcou nesse dia veio de um moço que conhecemos no caminho e com o qual pudemos conversar um pouco. Ele disse algo parecido com isto (as palavras não são as mesmas mas a mensagem sim): “o que acontece aqui é ridículo. Eu não posso andar em muitas ruas em que nasci e cresci. Não posso nem sequer ter facas para comer em casa sem que eu seja considerado uma pessoa armada. Não consigo mais cortar frutas e outras comidas na minha própria casa. Isso é ridículo!”

No domingo fomos a Hebron, para um tour guiado por Zleeha, uma senhorinha adorável e rebelde! A Cidade dos Patriarcas vive uma situação considerada a das mais difíceis em toda a Cisjordânia. Foi feita uma desocupação significativa na cidade antiga, toda entrecortada de muros e grades o que esvaziou parte importante do comércio local, hoje praticamente abandonado. Os primeiros andares das antigas lojas foram desapropriados e transformados em colônia nas quais habitam israelenses. Entre estes andares e a parte de baixo foi preciso colocar redes de metal, para evitar que atingissem com pedras ou outros objetos os palestinos que circulavam por ali. A visita é de uma melancolia sem fim!

Israel está ocupando toda a área histórica da cidade, afirmando que ela é depositária de restos arqueológicos judeus. Marcam os sítios com pedras em azul, para delimitar território. A mesquita de Hibrain/Abraão foi dividida em duas partes, separadas por tapumes. Do outro lado está a sinagoga. Como os cultos judeus são muito festivos e sonoros, eles inviabilizam as orações do lado de cá. Isso aconteceu na nossa visita. Para chegar àquele local da cidade tivemos que fazer um caminho por dentro de um cemitério, onde estava acontecendo um enterro. Na Palestina apenas os homens participam destas cerimônias, até quando é uma morta. Nós, mesmo que a uma certa distância, éramos as estranhas ali. Estávamos em um cemitério que virou atalho, obrigando as pessoas a passarem por cima dos seus entes e das suas memórias para circularem na cidade. Qual é a intencionalidade desta imposição?!? As crianças fazem isso permanentemente para irem à escola, Zleeha o faz para chegar à sua casa, quando antes apenas atravessava uma rua.

As restrições de mobilidade urbana dificultam, por outro lado, que as pessoas atravessem ruas para visitar seus mortos. Um limite à memória física que precede o apagamento da memória espiritual, ancestral, amorosa. Nesse caso, mata-se o que é amado pelo outro que se quer destruir,

para eliminar qualquer possibilidade de lembrança do amor. Para matar nele a sua história, fazer com que ela defina, até que ele se perca de si mesmo.

Hebron é conhecida pela sua indústria têxtil. As roupas lá costumam ser mais baratas. Tem cerca de um milhão de habitantes. É, ou costumava ser, a maior cidade da Palestina.

Jericó

Para dar uma pausa em tanta coisa ruim, no outro dia a Sandra nos reservou uma trilha no deserto de Jericó. Foi um dia calmo e tranquilo, longe de tudo e todos. As vezes haviam alguns beduínos e cabras no caminho.

Por mais que seja um deserto, Jericó é a parte que mais tem água e calor na Palestina, por isso existem tantos oásis cheios de verdes, beduínos e animais no meio da trilha.

Encontramos algumas palmeiras de tâmaras. O caminho estava cheio delas. Pena que não era época, para a gente tentar pegar umas e comer. Nunca vi e nem provei tâmara fresca.

Lembro de um comentário bastante curioso que a Sandra fez neste dia: a região de Jericó tem pessoas com a pele mais escura devido a temperatura mais alta. Por isso, eles são 'mal vistos' por outros Palestinos. Basicamente, é o mesmo preconceito que acontece no Brasil com os negros. Foi estranho entender que isso realmente acontece no mundo todo, não é somente aqui ou nos EUA que existe essa atitude de julgar a pessoa pela cor da pele.

Estivemos duas vezes em Jericó. A primeira foi após um passeio belíssimo! Uma caminhada pelo Deserto de Jericó. Saímos de casa logo de manhã, depois de prepararmos os alimentos para o nosso dia e de ficarmos um bom tempo esperando na rodoviária para que a van se enchesse de passageiros que iam na mesma direção. Nós descemos antes da cidade, ainda na estrada, numa paragem em que havia um pequeno acampamento de beduínos. A caminhada seguia uma antiga construção romana: um canal de pedras que cortava a aridez branca e rosada de montanhas magníficas, levando água e oferecendo condições para o crescimento de algumas árvores ou outros verdes, pequenos oásis no seu entorno. Em boa parte do caminho a água cobria apenas o fundo do estreito dique de pedras. Muitas vezes tivemos que caminhar por dentro dele, por causa da condição íngreme. Fizemos algumas pequenas paradas restauradoras além de uma um pouco mais longa para o nosso delicioso piquenique com frutas frescas e secas, salada de quinoa, pepinos, etc. Mas, o principal motivo de alguns stops era observar a paisagem que sempre nos surpreendia e encantava. No final do caminho nos deparamos com o mosteiro de St. George, da Igreja Ortodoxa Grega, incrustado nas pedras. Foi de tirar o fôlego! Chegamos em Jericó ao início da noite, passamos pelos fundos de uma casa onde havia música e vários garotos dançavam alegremente, enquanto as meninas apenas observavam. Nos dirigimos ao centro, local de saída do transporte para o retorno, após um dia que não queríamos que tivesse terminado. Apesar do cansaço da longa caminhada que durou cerca de seis horas, estávamos energizadas.

O outro dia em Jericó, foi em um passeio novamente guiado por Ba Ha, a caminho do Mar Morto. Antes de flutuarmos sobre as suas águas, visitamos um sítio arqueológico. Almoçamos no self-service em frente às ruínas, já que isso daria direito às entradas para o banho de mar, e de lama para as mais animadas. Isso nos submeteu à pior refeição da viagem.

Fomos conhecer o ponto turístico mais clássico da região: o mar morto. A água é estranhamente viscosa/oleosa e poder boiar sem nunca afundar, é uma experiência divertida.

No retorno para Belém nosso carro foi parado por um bloqueio surpresa. Apenas a Ba Ha foi pedida documentação e isso nos manteve ali por algum tempo para que fizessem consultas e pudessem finalmente liberá-lo, alimentando a nossa revolta. São situações de uma humilhação quase insuportável. Muitas vezes, ao presenciá-las, pensei nos limites tênues que as situações de tensão

podem provocar. Conseguiria, estando armada, controlar o impulso de reagir violentamente à arbitrariedade de homens armados?

Ao chegar, passamos inicialmente no Singer Café e fomos a um outro bar próximo fazer uma degustação de cervejas palestinas, tendo à nossa frente uma hipnotizante lua cheia! Para fechar a noite, também perto dali, assistimos em um cineclube a um documentário sobre a Leila Khaled.

Um dia só para Belém

Conhecemos a parte antiga de Belém, fomos até o Souk (mercado). Havia muitas frutas frescas, alguns legumes, roupas usadas, etc. Como em muitas cidades, costuma ser o local mais barato para se comprar as coisas.

Próximo do souk, existem algumas lojinhas que vendem souvenirs típicos/religiosos e uma loja de especiarias sensacional chamada: Orient Mill. Essa loja existe desde a década de trinta e é bem famosa. É um lugar minúsculo e sempre está cheio! Vale muito a visita.

Conseguí comprar sumac, uma especiaria bem típica da cozinha árabe que não é tão fácil assim de achar no Brasil.

Também visitamos a igreja da natividade. Diz a lenda que é onde Jesus nasceu.

Digo lenda porque Santa Helena refez os passos de Jesus uns quatrocentos anos depois.

Se não foi ali onde estava marcado, foi por perto.

Como boa parte das igrejas: era gigante! Tinha uma fila com gente de tudo quanto é canto desse mundo. Estava aquela bagunça no melhor estilo metrô da Sé às 18h: pouco espaço para muita gente. Curiosamente tinha um padre recebendo dinheiro em euros, dólares e shekels ao lado do lugar onde supostamente Jesus nasceu. E ali mesmo eu afirmei algo para mim: só tive mais certeza ainda de que religião não é algo que funciona para mim.

Depois disso, fomos almoçar onde a Sandra considera o local do melhor falafel da Palestina, o restaurante Afteem. Além de falafel, comemos hummus, mosabaha (um primo do hummus, que é servido quente, com pedaços grandes de grão de bico) que é bem delicioso, fowl (pasta de uma fava de lá) e mais algumas coisas.

Tivemos também uma palestra bem interessante sobre um novo método de resistência palestina: através de advogados/as usando as leis internacionais. Como Israel faz o que quer, infelizmente as coisas acontecem lentamente.

Para fechar o dia, visitamos Deheisha: o maior campo de refugiados da Palestina. Eles têm a fama de serem bem resistentes quando comparados aos outros da região. Pudemos conhecer uma família incrível, as histórias que ouvi são bem interessantes (e tristes). Fiquei encantada com a força e fé que eles têm em um futuro melhor.

A mãe dessa família é uma das mulheres mais inspiradoras que conheci nessa vida! Ela fugiu da Bósnia durante a guerra para casar com o marido Palestino. Na época, eles acreditavam que a vida seria melhor ali. Ela nos serviu uma típica mezze: farta e cheia de comida deliciosa! Pães, especiarias, conservas, pastinhas, melado de uva (uma das coisas mais sensacionais que provei nesta viagem), pães de zathar fresco, legumes fritos, chá e café.

Boa parte dessas coisas foi ela mesma que plantou, colheu e transformou. Vimos ela assar o pão num forno de pedras no meio da sala (que ao mesmo tempo esquenta a casa). Ela faz as próprias conservas, seca as frutas e faz até mesmo o melado de uva.

Além de cuidar de toda a família (os homens não fazem nada, nem mesmo ajudam a tirar a louça da mesa após uma refeição) ela ainda arranja tempo para ajudar outras mulheres do campo com um projeto de bordados e muito mais!

Não consigo explicar em palavras a delicadeza desta mulher. Fiquei apaixonada por ela! Queria colocá-la em um potinho, levá-la para casa e cuidar dela até o fim dos tempos.

Sempre que eu pensar que minha vida é corrida, péssima ou estressante, irei me lembrar dela. Com certeza, na hora vou parar de drama e lembrar que a minha vida é muito boa sim, com vários privilégios.

Foi uma voadora com os dois pés no meu peito, ver e entender um pouco a realidade dela. Sabia que essa viagem iria mudar tudo. Até porque, o objetivo era esse.

A visita à organização Badil, que trabalha a partir do aspecto jurídico na defesa dos direitos humanos de refugiados, foi muito instrutiva. Soubemos que desde 1917, durante o mandato britânico, deu-se início à transferência forçada de árabes, sendo que o período entre 1948 e 1967 foi marcado pela maior onda. Fomos apresentadas às categorias utilizadas para definir os tipos de expulsão e de refugiados, à legislação internacional e organismos das Nações Unidas que atuam sobre a questão, às dificuldades encontradas para avançar.

Conhecemos leis que contribuem para o alcance do objetivo de Israel, que é o de alcançar “o máximo de terra para o mínimo de Palestina”. Entre elas, uma lei de 1948, a do Proprietário Ausente, que justifica a ocupação de propriedades. Isto é: o mesmo poder que expulsa, declara ausência e toma a propriedade. E a Lei do Presente Ausente. Isto mesmo! Que dá o direito à propriedade de deslocados que não foram embora. Com isso conseguiram tomar 78% da Palestina Histórica. E no que diz respeito à ocupação, antes dos acordos de Oslo, em 1991, 95 mil colonos habitavam a Cisjordânia. Em 2015, ultrapassavam o meio milhão.

Israel criou a Lei do Retorno para garantir que qualquer judeu, de qualquer lugar do mundo, possa “voltar”, mesmo que nunca tenha estado ali. Por outro lado, em 1954 criou a Lei de Prevenção à Infiltração para os palestinos. Ela determina que quem quiser voltar ou estiver ilegal é considerado infiltrado, o que pode significar: prisão indeterminada, prisão e expulsão, ou até mesmo morte. E ainda há os casos daqueles que, querendo sair, não podem, como acontece com a população de Gaza. Sem falar nas restrições internas. A família de Islam, por ser considerada refugiada em seu próprio país, nunca pode sequer visitar a vizinha Jerusalém.

Há muitos outros exemplos que poderiam ser citados. Fato é que a ideologia sionista, que é também colonialista e imperialista, tem construído estratégias para atingir os seus objetivos. Se utiliza de forças visíveis como armamentos ou de outros meios coercitivos, como leis restritivas, para desidratar a possibilidade de vida palestina naquela região.

Mesmo que existam leis internacionais que recusem estas práticas, elas não são aplicadas e a comunidade internacional não obriga o seu cumprimento. Mas a ONU busca garantir o que Israel deixa a descoberto: acesso a saúde, água, reconstrução, etc. Além disso, outros países nunca se mobilizam para cumprirem sanções a Israel. A cumplicidade é gritante.

Israel procurou destruir também a capacidade do povo palestino de se expressar através de instituições políticas. Tanto a Autoridade Palestina como a Organização para a Libertação da Palestina foram cooptadas. Ao mesmo tempo, o Hamas tem visto seu apoio popular enfraquecer diante das cada vez mais duras condições de vida em Gaza. Li que o filósofo israelense Sergio Yahní afirmou que Israel nunca reconheceu ou negociou verdadeiramente com as representações políticas palestinas.

Por tudo isso se reconhece aos palestinos o direito legítimo a toda forma de resistência. Está previsto na Convenção de Genebra: povos sob pressão, ocupados, colonizados, têm o direito de se levantar contra a opressão. Se compreendi bem, entre as diversas formas conhecidas, existem as armadas e as não armadas, a resistência popular, a desobediência civil, Sumud (to exist is to resist), a advocacia legal e o BDS - Boicote, Desinvestimento e Sanções.

Nablu

Nablu é uma das cidades mais antigas da Palestina, tem cerca de dois mil anos. É aí que se encontra o hammam mais antigo da região. Infelizmente, nosso tempo de passeio não permitia um banho turco. Depois de Hebron, costuma ser a cidade na qual os colonos judeus são mais violentos no rechaço aos palestinos. É uma cidade cercada de montanhas, conseqüentemente, de colônias. É no alto de uma dessas montanhas que foi levantada uma grande e imponente casa do homem que comentam ser o mais rico da Palestina. “A montanha é toda dele” nos dizem.

Em Nablus caminhamos pela cidade antiga, paramos para tomar café e buscamos o fabricante do melhor tahine do mundo, segundo a Sandra. Fomos gentilmente convidadas por um senhor a ter uma vista da cidade do terraço da sua recém instalada – e ainda sendo montada – pousada. Essa construção estava ao lado do terreno vazio, onde antigamente houve uma fábrica de sabão de azeite que foi totalmente destruída numa explosão. Nablus fora uma cidade famosa pela produção destes sabões de azeite, lá existiam mais de trinta fábricas. Muitas foram dizimadas pelos judeus, outras acabaram não resistindo, restando apenas duas. Visitamos uma delas e pudemos observar todos os passos de fabricação dos sabões/sabonetes de azeite. O comércio local possui, no entanto, grande vigor. A cidade antiga pulsava de pessoas, cores e odores. Neste dia comemos o melhor Knafeh do mundo, um doce feito em enormes tabuleiros, nos quais se espalha semolina e queijo, mistura que depois de assada é coberta com um melado. É estupendo! E o costume dita que o doce deve ser comido em pé, com uma perna apoiada na parede. Cumprimos o ritual.

O almoço foi bem mais tarde, em Ramalah, que é a capital, na qual está sediada a Autoridade Palestina. Seguimos para o Bar e Café Ziriab, onde nos reencontramos com alguns dos professores conhecidos na Universidade que vieram fazer uma apresentação sobre a Palestinian Animal League Solidarity. Conhecemos aí uma israelense que viva na clandestinidade, por ser militante do BDS. Através dela ficamos sabendo que israelenses presos em manifestações são logo liberados, enquanto palestinos ficam anos presos e, como foi dito, podem ter parentes e amigos também recolhidos. Isto faz com que uma das estratégias utilizadas por israelenses é estar nas manifestações, como forma de apoio e resistência à prisão de palestinos, já que a repressão não é tão dura com eles/as, que costumam ser preservados.

Não tive como conversar pessoalmente com militantes palestinos ou israelenses devido aos limites do meu inglês, ainda que a Sandra e minhas companheiras de viagem fossem sempre solícitas em fazer as traduções. Isso se mostrou um limite para que eu pudesse aprofundar questões que a curiosidade feminista instigava. Nessa noite no café, no entanto, uma delas se confirmou. E as mulheres? E a violência contra as mulheres? E a luta pela igualdade? A resposta foi de que tinham uma luta prioritária, e que qualquer outra viria posteriormente, ou seja, era considerada hierarquicamente menos importante do que o principal que era a luta contra a colonização/dominação israelense. Ninguém fala também sobre a opressão interna contra judeus negros, por exemplo.

Jerusalém

No segundo dia de tour em Jerusalém visitamos o Muro das Lamentações e em seguida nos dirigimos à fabulosa Esplanada das Mesquitas, onde estão o Domo Dourado e a Mesquita Alaqsa. Os dois ficam do lado um do outro. Lembro: foi a visita de Ariel Sharon e alguns colonos à Esplanada que, tendo sido considerada um ultraje, uma afronta, deu início à Segunda Intifada.

A visita de turistas a estes monumentos religiosos é permitida apenas até as 10:30 da manhã. Por isso tivemos que sair muito cedo de Belém para poder aproveitar o tempo de contemplação. Na Esplanada, quando nos demorávamos paradas em um lugar, observando extasiadas e compenetradas a sua beleza, um dos soldados judeus, jovens e amedrontados, vinha nos dizer que não podíamos permanecer ali, o que nos soava de certa forma incompreensível. Era tipo: circulando, circulando! Muito inquietante que um lugar religioso tão importante para os árabes muçulmanos tivesse que ficar sob a guarda de militares israelenses.

Um fato curioso: como visitamos inicialmente o Muro das Lamentações, apanhei um folheto com informações históricas. Ao passar pelo detector de metais e abrir a mochila para verificação me foi dito que não era permitida a entrada com aquele folheto, porque aquilo seria uma falta de respeito aos muçulmanos (sic!).

O dia foi todo dedicado à cidade antiga de Jerusalém. Almoçamos no Abu Shukri, aonde fazem o considerado melhor hummus do mundo. Para ele ser feito o grão de bico fica de molho 24 horas antes e 24 horas depois de ser cozido. Um segredo descoberto: se utiliza praticamente a mesma

medida de grão de bico para a de tahine. Depois da visita à Igreja do Santo Sepulcro, experimentamos o [mutabak](#) que é feito em um porão, por pessoas de uma mesma família, há cerca de 200 anos. Antes de pegarmos o ônibus, exploramos a Education Bookshop. Antes de chegar em casa, novamente checkpoint.

No último dia do tour fizemos outro piquenique. Desta vez fomos de carro até o deserto visitar o Monastério Ortodoxo Marsaba. Muitas famílias estavam visitando o lugar. Pela primeira vez vi pessoas que levam os seus drones nestes passeios, como se levassem animais de estimação. Eles ficavam nos sobrevoando. Nesse dia tomei, finalmente, um vinho produzido na região. Caminhamos um pouco pelas montanhas, tomamos chá com uma família de beduínos e nos divertimos muito com o fato de que o rapaz olhava insistentemente para Nathalia. Pensávamos que ele estava curioso pela sua beleza, pelos seus olhos puxados. Eu cheguei a romantizar a situação de um adolescente vivendo no deserto com pai, mãe e os animais. Como deveria ser dura. Ao nos despedirmos ele ousou avançar e pedir para ela os óculos escuros, que afinal, era o que lhe encantava! Ao retornar fomos visitar a família de Bassem, nosso taxista, e mais uma vez estivemos expostas às delícias preparadas pelas mulheres da casa.

No dia de ir embora, fui avisada novamente que existia forte possibilidade de eu ser entrevistada para poder sair do país (?). Outra coisa que eu achei totalmente sem sentido. Mas, fazer o que não é mesmo? O que eles iriam fazer? Me expulsar do país?

Foi uma bela missão retornar de Belém até Tel Aviv. Sandra nos deixou no Checkpoint 300. Pegamos o ônibus até a Old City de Jerusalém para pegar uma van que vai até Tel Aviv. A volta, em si, foi bem tranquila. O complicado foi descobrir como encontrar o trem que leva até o Ben Gurion, o aeroporto internacional de Israel.

Ainda bem que uma das meninas que estava no grupo pôde me ajudar, eu não estava entendendo como funcionava o trem e ela, que já havia usado, soube me aconselhar.

Chegando no aeroporto, fui fazer o check-in e vi o local onde eram feitas as entrevistas para poder ir embora. Os judeus pegam uma fila separada onde não são entrevistados. Todas as outras nacionalidades pegam uma fila onde são entrevistadas. Assim como na chegada, fui pega para ser entrevistada na saída. Mais uma vez questionaram muito minha descendência japonesa querendo saber de qual província vem o meu sobrenome. Dessa vez a entrevista foi com uma mulher que não acreditava que eu não sabia essa informação e desconfiou muito quando eu disse que era brasileira, mesmo vendo meu passaporte. Foi uma situação bastante estressante, mas enfim, ela me liberou e eu pude fazer o despacho das malas.

Chegando na esteira e detector de metais, mais uma vez, só olharam para mim e sumiram com o meu passaporte novamente, me levando para uma revista mais intensa com um detector de algo que nunca havia visto antes. Só recebi o passaporte de volta após terminar essa revista.

Quando cheguei no lobby do aeroporto, eu estava faminta. Comprei um lanche e alguns presentinhos para gastar os últimos shekels. Entrei no avião e parti para Paris.

Os cafés e despedida de Belém

Conhecemos belos cafés árabes, lugares deliciosos de ficar. Dois deles me encantaram especialmente: o Ziriab e o Singer, onde estivemos mais de uma vez. No último dia em Belém passei toda uma tarde trabalhando no meu computador e me despedindo da sua atmosfera, ouvindo ótima música e bebendo chá ou vinho. É importante registrar que um inibe a vontade de outro.

Nesse dia, quando as outras companheiras de viagem já tinham partido, fui com a Sandra a um hammam. Não daqueles antigos. Um moderno, destes que são denominados spa and relaxation center. Com direito a esfoliação e massagem, foi restaurador, como costumam ser estes banhos. Depois caminhei até a praça da Igreja da Natividade pela Rua da Estrela, me despedindo de um caminho percorrido várias vezes naqueles dias. Fui cumprimentada por alguns dos comerciantes,

que já nos conheciam depois de tantas vezes que passamos por ali com a Sandra. Almocei mais uma vez no Afteen, onde comi, também mais uma vez, mousabaha. Para mim, mesmo sabendo que não é um hummus, apenas parente dele, foi o melhor do mundo! Uma experiência singular! No dia seguinte voltei muito cedo para Tel Aviv. Nesta semana final, intercalei passeios organizados por empresas de turismo ao norte do país com caminhadas e algumas viagens de ônibus sem rumo muito certo. A não ser por um passeio feito intencionalmente à Universidade, local no qual desisti de tentar entrar tendo em vista as cercas e portões semelhantes aos dos checkpoints. Há uma ampla calçada com parapeito em frente ao campus o que possibilita uma ampla e bela vista de Tel Aviv, já que esta fica numa parte geograficamente mais alta.

Os passeios, não apenas os que fiz, são oferecidos em todos os hotéis e postos de turismo. Um deles, com um circuito religioso, me levou a Nazareth, aonde conhecemos a Igreja da Anunciação, o Mar da Galiléia de onde se pode ver as Colinas de Golã, que foram suprimidas da Síria por Israel. Visitamos a Igreja do milagre dos peixes e pães e ao final, o provável local do batismo de Jesus no Rio Jordão. Para chegar até as margens do Rio há de se passar por um shopping de souvenirs, nos quais são vendidas batas para aquelas pessoas que desejam fazer o seu batismo naquelas águas consideradas santas. Muitos fazem isso. O segundo passeio me pareceu mais interessante. Seguimos pela via costeira até o extremo norte do país. Conhecemos as ruínas de Cesarea, que são belíssimas e estão de frente para o Mediterrâneo. Paramos em Acre para almoçar, conhecer a cidade antiga e um castelo/museu do tempo das cruzadas. Na divisa com o Líbano caminhamos por Rosh Hanikra, uma imensa pedra com cavernas perfuradas pelo mar. O contraste entre a cor branca da montanha e o verde azulado da água é impressionante. No retorno passamos por Haifa, onde está localizado o Porto, para uma vista panorâmica dos estupendos Jardins Bahai. Ficou para uma próxima viagem o desejo de ir ao Sul, chegar a Eilat e ir até a Jordânia conhecer Petra.

Fiz novas incursões por Old Jaffa. Jaffa foi uma das últimas cidades árabes a serem tomadas pelos judeus, poucos dias antes do final do Mandato Britânico. Originada na Idade de Bronze, guardava heranças romanas e bizantinas. Possuía uma área que incluía 24 aldeias, com 17 mesquitas. Foi um porto importante e era uma região de pescadores. Hoje, é um bairro de Tel Aviv³, cujo centro não passa de um pequeno sítio histórico, no qual não encontrei referências árabes, apenas judaicas. O local é arrodado de casas que são destinadas a artesãos e artistas glamourosos, além de restaurantes, cafés, bares, alguns espaços culturais e antiquários. Tudo isto privilegiadamente situado em frente ao mar. O tipo de preservação destes lugares históricos me pareceu seguirem uma estratégia de disponibilizá-los a artistas e artesãos, como forma de, ao revalorizá-los e garantir o seu aspecto turístico e belo, legitimar a ocupação. Tive a mesma sensação ao visitar a “Ocupação dos Artistas” em Jerusalém.

Para terminar, queria registrar que todas as pessoas que conheci na Palestina defendiam a existência de um Estado único, democrático, no qual palestinos pudessem ter os mesmos direitos de cidadania que israelenses. Depois desta viagem, ao ver de perto quão consolidado está o Estado de Israel, a ausência de lideranças que sejam porta-vozes autônomos e fiéis aos anseios palestinos e a dificuldade de fazê-los ecoar e sensibilizar a comunidade internacional, inquietam profundamente. É inegável e importante reconhecer a existência de uma nação judaica. Saber como ela se instituiu deveria provocar uma maior mobilização global.

Bibliografia desta Viagem:

ANDERSON, Perry. A casa de Sião. In: Margem Esquerda, nº27. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016. Pp 93-128.

BETTS, Vanessa. Top 10: Israel, Sinai e Petra. São Paulo: Publifolha, 2013.

BUDASSI, Sonia. La frontera imposible: Israel Palestina. Buenos Aires: Marea, 2014.

³ Um dos guias dos passeios citados afirmou que Tel Aviv foi construída pelos judeus porque não suportavam a desorganização e a sujeira dos árabes em Jaffa.

PAPPÉ, Ilan. La limpieza étnica de Palestina. Barcelona: Crítica, 2011.

SALMON, Christian. Sabreen ou a paciência. In: Parlamento Internacional dos Escritores. Viagem à Palestina. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 97-110.

Organizações:

BDS (Boicote, desinvestimento e sanções) <https://bdsmovement.net>

Addameer (apoio aos prisioneiros palestinos) <http://www.addameer.org>

Defence for Children International/Palestine <http://www.dci-palestine.org>

Badil (refugiados) <http://www.dci-palestine.org>

Al Haq (direitos humanos) <http://www.alhaq.org>

Al Mezan (direitos humanos) <http://www.mezan.org/en/>

OCHA oPt (Office for Coordination of Humanitarian Affairs, occupied Palestinian territories) <https://www.ochaopt.org>

Bet'selem (Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied territories) <http://www.btselem.org>

Breaking the Silence (associação de ex soldados israelenses que decidiram dar testemunhos e expor o que o exército realmente faz na Palestina) <http://www.breakingthesilence.org.il>

Tribunal Russel sobre a Palestine (tribunal civil que julgou os crimes de guerra cometidos por Israel em Gaza) <http://www.russelltribunalonpalestine.com/en/>

Pinkwathing Israel (LGBTs contra o pinkwashing - uso dos direitos LGBT como arma de propaganda israelense) <http://www.pinkwatchingisrael.com>

PAL (Palestinian Animal League - direitos animais e humanos na Palestina) <https://pal.ps/en/>

Sites de mídia alternativa da região:

Eletronic Intifada: <https://electronicintifada.net>

+972: <http://972mag.com>

Maan news: <http://www.maannews.com>